



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

DAS MÃOS PARA O PAPEL: DIFUNDINDO A ESCRITA DA LIBRAS PELO SISTEMA SIGWRITING EM SERGIPE

VALÉRIA SIMPLÍCIO DA SILVA
MÔNICA DE GOIS SILVA BARBOSA
MARGARIA MARIA TELES

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

Resumo Este artigo é resultante das ações do Projeto de Extensão "Escrita de língua de sinais: das mãos para o papel", desenvolvido a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Extensão (PIBIX), Edital nº 03/2015/PROEX/UFS, edição 2016. As ações desenvolvidas são cursos de extensão de escrita de língua de sinais, intitulados "Signwriting System Basic Step I, "Signwriting System Basic Step II" e "Curso Básico de LIBRAS I: sinalização e escrita"; e a criação e produção de material didático-pedagógico para uso nesses cursos. Desta forma, o objetivo deste trabalho é mostrar os resultados obtidos com a realização dessas ações. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a análise documental. Os resultados mostram a importância de dar sequência a essas ações de extensão, tendo em vista que as mesmas estão contribuindo para o aprendizado, divulgação e difusão da LIBRAS e de sua escrita. **Palavras-chave:** Escrita de língua de sinais. LIBRAS. Signwriting; **Abstract** This article is a resulting of the Extension Project actions "Sign Language Writing: from hands to paper", developed from the Institutional Program Initiation Scholarships Extension (PIBIX), Notice No. 03/ 2015 / PROEX / UFS , 2016 edition . The actions developed are sign language writing extension courses, entitled "Signwriting System Basic Step I, "Signwriting System Basic Step II" and "Basic Course of LIBRAS I: signaling and writing" and the creation and production of didactic-pedagogic material for use in these courses. Thus, the objective of this study is to show the results obtained in carrying out these actions. The methodology used was the bibliographic research and documentary analysis. The results show the importance to

follow up these extension actions, with a view to that are contributing to learning, dissemination and diffusion of LIBRAS and his writing. **Keywords:** Sign language writing. LIBRAS. Signwriting;

Introdução As pesquisas sobre a Escrita de Língua de Sinais só iniciaram no Brasil em 1996, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Porto Alegre. E o sistema que foi escolhido para pesquisa, adaptação e uso foi o Signwriting. (BARRETO & BARRETO, 2012). O Signwriting é uma escrita visual direta através do qual é possível ler e escrever línguas de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. (BARRETO & BARRETO, 2012). É um sistema internacional e pode ser usado para escrever qualquer língua de sinais do mundo. (SUTTON, 2003). A escrita abre novas possibilidades para qualquer língua, seja ela oralizada ou sinalizada, e, desde a década de 1970, quando foi inventado o sistema Signwriting, temos presenciado esta possibilidade. E hoje, presente em mais de 40 países, este sistema é capaz de registrar todas as características das diversas línguas de sinais de todo o mundo, dando assim um novo status a elas e abrindo novas possibilidades em diversas áreas do conhecimento. Dessa forma o ensino da LIBRAS e da sua escrita pode ser pensado de um modo mais abrangente, estudando e experimentando estratégias e metodologias diversas para a concretização de objetivos para o ensino desta língua em cursos livres. E os alunos em formação conseguem, de forma empírica, entender as diversas estratégias de ensino no ensino de línguas adicionais. **A importância da Escrita da Língua de Sinais** É sabido que a história se faz através da escrita, ou seja, é a partir do surgimento da escrita que conhecemos o que hoje chamamos de história. Portanto, é inegável que a escrita desempenha um papel de extrema importância na disseminação da informação e preservação da mesma. Desde sua invenção, a escrita atravessou um longo caminho, no entanto, apesar das muitas mudanças sofridas, ela ainda é reconhecidamente a geração e o registro de significados no mundo visual. A escrita é tão importante para a maioria das culturas humanas, que marca o começo da História; revolucionou o armazenamento de dados e o posterior acesso posterior a estes. A partir de então, a memória já não seria a única com o papel de guardar as informações. Idéias, pensamentos e fatos poderiam atravessar as distâncias e o tempo sem sofrerem as modificações da língua oral.

Os povos que não possuem escrita ficam em situação de desvantagem em relação às culturas letradas e alfabetizadas. Colocar o que pensamos e entendemos em um material perene e estático proporciona a chance de refletirmos sobre a própria linguagem e sobre os nossos pensamentos, permite que revisitemos formas antigas de expressão e possibilita reflexão sobre a forma como nos expressamos e sobre a adequação da nossa linguagem em expressar os nossos sentimentos. Existem evidências de que possuir uma forma como a escrita, diferente da fala transitória, tem efeito

no processamento do pensamento. É necessário dizer, ainda, que todos os pontos positivos de se possuir um sistema escrito refletem-se em poder. As comunidades alfabetizadas e letradas têm vantagens consideráveis sobre os povos ágrafos na manutenção e perpetuação de sua cultura. (PEREIRA & FRONZA, S/D, p. 1). A escrita, como forma de registro secundário e perene do ato lingüístico primário e transitório, permite que possamos refletir sobre o conteúdo da comunicação, sobre as todas as coisas do mundo e o que sabemos sobre elas. Uma língua sem registro escrito é uma língua limitada, pois é incapaz de desenvolver-se e consolidar-se para servir de base para a constituição de um povo e de uma cultura. Segundo Capovilla (2012), grupos sociais que não tem registro escrito da própria língua também não têm o domínio necessário para, de modo sólido e seguro, articular sua organização social e desenvolvimento cultural; permanecem também sem tradições ou memória e ficam dependentes de intermediários para obter informações transitórias, instáveis e vulneráveis a distorções e boatos. Ao longo do tempo, todas as línguas mudam e se desenvolvem, no entanto, só as línguas que têm escrita trazem o registro de seu próprio passado, cujos mesmos podem ser inspecionados, referidos como exemplos, citados literalmente, idealizados, traduzidos, etc. Muitas línguas que são consideradas ágrafas, ou seja, que não possuem uma grafia; uma representação escrita, tornaram-se extintas. E por esta razão muitos movimentos surgiram, buscando, através da escrita, um modo de preservá-las. Por causa disto,

Comunidades lingüísticas minoritárias aspiraram obter para suas línguas o prestígio que advém com o padrão escrito e começaram em diversos países industrializados a pressionar pela inclusão de suas línguas no currículo escolar. Alimentados pela crescente consciência da importância da proteção às minorias, esses movimentos obtiveram nas últimas décadas alguns sucessos, levando a uma situação altamente complexa de letramentos múltiplos e multilíngües em sociedades modernas, situação que tem atraído a atenção dos pesquisadores. (MARTIN-JONES E JONES, 2000; KALANTIZIS E COPE, 2000; DASWANI, 2001; COOK E BASSETTI, 2005 APUD COULMAS, 2014, p. 128). No Brasil, o movimento social das pessoas surdas, usuárias da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que emergiu na década de 1980 e se consolidou na década de 1990, reivindicou o reconhecimento oficial da LIBRAS como língua e o direito ao seu uso em ambientes sociais,

educacionais e como língua de instrução na Educação dos surdos. Esse reconhecimento foi alcançado em 2002, através da Lei nº 10.436, que foi regulamentada em 2005 pelo Decreto nº 5.626, que não só reconhece a LIBRAS como língua das comunidades surdas brasileiras, como também obriga as instituições públicas e privadas de Educação Superior a incluir a LIBRAS como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores e determina que os sistemas de ensino em todos os níveis proporcionem às pessoas surdas, uma educação bilíngüe em que a LIBRAS e a Língua Portuguesa sejam línguas de instrução em todo o processo de ensino, sendo àquela considerada a primeira língua (L1), e esta a segunda língua (L2), que deve ser ensinada aos surdos apenas na modalidade escrita. (BRASIL, 2005). Na segunda metade do século XX, quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) adotou o princípio de promover o letramento em língua materna, os apelos por direitos iguais para as línguas minoritárias, feitos por países do Ocidente, tornaram-se difíceis de serem ignorados. (COULMAS, 2014). Segundo Coulmas (2014), em 1992, a Europa passou a adotar uma abordagem pós-moderna no tratamento às minorias lingüísticas numa perspectiva mais pluralista e inclusiva, após a adoção da Carta Européia das Línguas Regionais ou Minoritárias, cujo objetivo é a garantia, no que for possível, do uso de línguas regionais ou minoritárias na educação e meio de comunicação, permitindo também o seu uso em situações jurídicas, administrativas, socialmente e culturalmente. Ainda de acordo com Coulmas:

Nos países mais avançados, várias medidas de proteção às minorias têm sido estabelecidas no último meio século. No geral, disso resultou o enfraquecimento da pressão assimilatória sobre as minorias nacionais, e mais línguas ganharam reconhecimento nos currículos escolares dentro do contexto mais amplo da educação multicultural. (COULMAS, 2014, p. 101). No Brasil, no que se refere às pessoas surdas, o uso da LIBRAS na educação, na comunicação e em outras situações, quer sejam em sociais, culturais, administrativas e jurídicas, têm sido garantidas por legislação, no entanto apenas na forma de sinalização e não na forma escrita. E isso acontece porque as pesquisas sobre a Escrita de Língua de Sinais só iniciaram no país em 1996, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). em Porto Alegre. E o sistema que foi escolhido para

pesquisa, adaptação e uso foi o Signwriting. (BARRETO & BARRETO, 2012).

O Sistema Signwriting no Brasil O sistema Signwriting foi criado pela norte-americana Valerie Sutton, por volta da década de 1970, na Universidade de Copenhague, na Dinamarca. Sutton criou um sistema para grafar balés tradicionais, o Dancewriting, que despertou a atenção de pesquisadores da língua de sinais Dinamarquesa na Universidade de Copenhague. Esses pesquisadores viram naquela escrita uma possibilidade para notação dos sinais utilizados na comunicação/interação das pessoas que fazem uso desta língua visual. Surgia então, na Dinamarca, o primeiro movimento para grafar as línguas de sinais. (DALLAN, 2009). O Signwriting é uma escrita visual direta através do qual é possível ler e escrever línguas de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. (BARRETO & BARRETO, 2012). É um sistema internacional e pode ser usado para escrever qualquer língua de sinais do mundo. (SUTTON, 2003). No Brasil, o SignWriting começou a ser pesquisado em 1996, através do Professor Doutor Antonio Carlos da Rocha Costa (PUC-RS), que descobriu a possibilidade de usar esta escrita pelo computador. Ele formou, então, um grupo de trabalho com as professoras Márcia Borba e Marianne Stumpf na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo grupo adaptou o sistema à escrita da LIBRAS. (DALLAN, 2009). Para que esse sistema se tornasse público no Brasil, foi feita a divulgação pioneira e de grande importância, pelo Ministério da Educação, do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais Brasileira, de autoria dos pesquisadores Fernando Cesar Capovilla e Walkíria Duarte Raphael (DALLAN, 2009). Neste dicionário, além das explicações sobre o sistema Signwriting, pode-se encontrar para cada termo em Língua Portuguesa, a grafia em escrita de sinais, possibilitando a reflexão e o exercício desta escrita. De acordo com Dallan (2009):

A representação gráfica de uma língua que era considerada ágrafa até pouco tempo, auxilia o processo de desenvolvimento e expansão desta língua, uma vez que abre oportunidades variadas em seus aspectos discursivos e/ou modalidades de uso: um sistema escrito compatível com uma língua visual-gestual possibilita aos usuários se constituírem como sujeitos letrados, permitindo o desenvolvimento da consciência linguística dos usuários desta e auxiliando na produção de sentidos que o escritor e o leitor tecem sobre os efeitos discursivos inclusos nos textos produzidos. Este

aprendizado permite ao aluno surdo uma possibilidade maior de trocas simbólicas, exercitando e provocando a capacidade representativa dessas pessoas, organizando e sistematizando coordenações mentais cada vez mais elaboradas já que a escrita é em sua própria língua (DALLAN, 2009, p. 10). Diante das possibilidades apresentadas pelo autor, as disciplinas de LIBRAS do Curso de Licenciatura em Letras LIBRAS passa a ter também uma nova abordagem, pois os alunos escrevendo os sinais podem analisar melhor sua estrutura aprimorando assim a própria compreensão da língua e da sua gramática. A escrita da língua de sinais dá para os surdos o poder de escolhas e participação no mundo civilizado, do qual eles também fazem parte, no entanto, até hoje tem ficado à margem sem poder se apropriar dessa representação. Segundo Stumpf (2005), uma escrita própria da língua de sinais sempre fez falta para os surdos, que dependiam de ler e escrever em outra língua que não podem compreender bem, vivendo sempre, por conta disso, uma grande limitação. Capovilla (2012) demonstra, através de pesquisa, que o mecanismo da escrita, seja ela oral/auditiva ou visual/espacial, possibilita a reflexão sobre o ato linguístico, permitindo a retomada e revisão sobre o conteúdo comunicativo. Possibilita, também, a estruturação dos mais diversos tipos de textos, tais como as piadas e os poemas, que por possuírem um conteúdo carregado de significações próprias ao gênero textual, muitas vezes só fazem sentido quando escritas na própria língua na qual foram criadas. A aquisição da escrita da língua de sinais pode favorecer a pessoa com surdez na aquisição de novos mecanismos para abstrair e teorizar sobre o mundo que o cerca, uma vez que a escrita complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito em suas interações, socialmente, bem como ajuda os ouvintes a aprenderem mais facilmente a língua de sinais, pois possibilita a grafia do sinal, o que vem a facilitar a organização de um material de consulta posterior. Este sistema escrito também propicia a ampliação e divulgação do léxico desta língua, pois permite maior avanço no registro de termos científicos e tecnológicos. A representação gráfica de uma língua que era considerada ágrafa até pouco tempo, auxilia o processo de desenvolvimento e expansão desta língua, uma vez que abre oportunidades variadas em seus aspectos discursivos e/ou modalidades de uso: um sistema escrito compatível com uma língua visual-gestual possibilita aos usuários se constituírem como sujeitos letrados, permitindo o desenvolvimento da

consciência linguística dos usuários desta e auxiliando na produção de sentidos que o escritor e o leitor tecem sobre os efeitos discursivos inclusos nos textos produzidos. **O projeto LIBRAS escrita pelo sistema Sigwriting: das mãos para o papel** O Projeto foi criado e desenvolvido com o objetivo de contribuir para a formação profissional, acadêmica e científica dos alunos do Curso de Licenciatura em Letras LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ao mesmo tempo em que também contribui para o aprimoramento linguístico dos membros da comunidade externa à UFS. Este projeto é uma atividade de pesquisa, ensino e extensão que está sendo desenvolvido a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Extensão (PIBIX), Edital nº 03/2015/PROEX/UFS, edição 2016, e tem o objetivo de contribuir para a aquisição, produção e difusão de novos conhecimentos aos alunos da Licenciatura Letras LIBRAS, e, estendendo seu campo de ação à comunidade, proporcionar o acesso de jovens à universidade ao mercado de trabalho e a novas referências sociais. As atividades de extensão que foram e ainda estão sendo realizadas nesse projeto são: cursos básicos e intermediários de LIBRAS e sua escrita pelo Sistema Signwriting, cursos básicos e intermediários de Escrita de Sinais pelo Sistema Signwriting; produção de material didático-pedagógico para utilização nesses cursos, no Curso de Licenciatura em Letras LIBRAS e nos demais cursos; produção glossários escritos e virtuais que ficarão disponíveis para consulta. Os resultados das atividades desenvolvidas nesse projeto, para os discentes da UFS, materializaram-se na produção de trabalhos científicos acerca dessa experiência que colaborarão para formação de professores analíticos, críticos, habilidosos, habilidosos e cientes de seu compromisso social. Também serão proporcionadas possibilidades de experimentar novas metodológicas e práticas docentes nos processos de ensino e aprendizagem, mediante a experiência do ensino da LIBRAS e da Escrita da Língua de Sinais, e criação e adequação de materiais didático-pedagógicos para a utilização nesses cursos e no Curso de Licenciatura em Letras LIBRAS. Os alunos do curso de graduação em Letras LIBRAS foram os responsáveis por ministrar as aulas dos cursos, orientados e acompanhados por professores-coordenadores do Projeto, que se encarregarão de discutir, analisar e elaborar as aulas e seus resultados a cada semana com esses monitores, permitindo a expansão de experiências metodológicas e reflexões acerca da prática docente. **A criação do**

material e o desenvolvimento dos cursos Os cursos de Escrita de Língua de Sinais – SignWriting System Basic – Step e a produção do material a ser utilizado nos mesmos são ações do projeto de extensão “LIBRAS pelo Sistema Signwriting: “das mãos para o papel”. Sendo este, considerado o primeiro projeto de extensão de Escrita de Língua de Sinais do Estado de Sergipe. Esses cursos são destinados aos surdos, ouvintes, professores de bilíngues, profissionais da inclusão, intérpretes de LIBRAS entre outros, contemplando a comunidade interna e externa à UFS, e tem como pré-requisito que as pessoas do público-alvo saibam usar a LIBRAS como forma de comunicação. As turmas sempre contemplam entre 30 a 40 inscrições e finalizam com, mais ou menos, cinquenta por cento dos participantes inscritos, ministrados por Laís Helena Bispo de Oliveira e Cleber José Siqueira de Souza. Os dois alunos surdos do Curso de Licenciatura em Letras LIBRAS, onde ambos são bolsistas deste Projeto: um é voluntário e o outro remunerado. A carga horária total desses cursos básicos são de 50h/a e são realizadas atividades como: ditados visuais da escrita de sinais no papel e também no computador, tradução de textos em escrita bilíngue da LIBRAS para a Língua Portuguesa, registro de novos sinais para ampliação de vocabulário na LIBRAS, registros escritos a partir de imagens de sinais fossilizados. Para este curso foi utilizado o material apostilado produzido, mediante pesquisas bibliográficas e documentais, pelo aluno Marcelo Oliveira Calumbi, do Curso de Licenciatura em Letras LIBRAS, cujo mesmo também é bolsista voluntário deste Projeto. Como perspectiva para a continuação do desenvolvimento deste Projeto, tem-se a pretensão de formar novas turmas dos Cursos de Escrita de Língua de Sinais – SignWriting System Basic – Step I e II, Cursos Básicos de LIBRAS sinalizada e escrita, bem como dar continuidade a produção e/ou atualização do material que será sendo utilizado nesses cursos. **Considerações finais** Sendo a língua escrita um bem que pode ser conceitualizada como um bem público, e que, portanto, aumentar o número de usuários também aumenta a sua utilidade. (COULMAS, 2009 *apud* COULMAS, 2014) há uma necessidade de apoiar o uso e a difusão da escrita da LIBRAS. A partir desses pressupostos e na perspectiva de apoiar o uso e a difusão da LIBRAS, não só na sua forma sinalizada como também na sua forma escrita, pelo Sistema “Signwriting”, bem como reforçando o compromisso com a Educação Inclusiva, o Projeto de Extensão LIBRAS ESCRITA PELO SISTEMA

SIGNWRITING: "DAS MÃOS PARA O PAPEL", através dos cursos de extensão do Sistema Signwriting e da produção de material didático-pedagógico, contribuiu para o aprendizado, divulgação e difusão da LIBRAS e de sua escrita.

Referências BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Editora do Autor: Belo Horizonte, 2012. BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. BRASIL. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D.(Org.). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Edusp/ MEC, 2012. COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**; tradução Marcos Bagno – 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. DALLAN, Maria Salomé Soares. **Signwriting: escrita visual para língua de sinais no processo de sinalização escrita**. II Congresso Nacional de Surdez. São José dos Campos, 2009. PEREIRA, Maria Cristina Peireira. FRONZA, Cátia de Azevedo. Sistema **Signwriting como uma possibilidade na alfabetização de pessoas surdas**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, S/D. STUMPF, Marianne R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Signwriting: língua de sinais no papel e no computador**. Tese de doutorado em Informática da Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf>

?
sequence=1

Acesso em: 2 de mai. 2015. SUTTON, Valerie. **Lessons in Signwriting: textook& workbook**. 3rd Ed. La Jolla, CA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. 2003.

Disponível em:

[http://](http://www.signwriting.org/archive/)

www.signwriting.org/archive/

Acesso em: 01 mai. 2015.

* Professora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Letras Estrangeiras/DLES, no Curso de Licenciatura em Letras-LIBRAS; Mestre em Educação pela UFS; Especialista em LIBRAS, Educação Especial e Educação Inclusiva. Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência. Email: vsimplicyo@hotmail.com

. **Professora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Letras Estrangeiras/DLES, Colegiado Letras-LIBRAS. Mestre em Letras pela UFS. Especialista em LIBRAS e em Educação Inclusiva. Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência. Email: monicagsb@yahoo.com

.br

. ***Professora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Educação, no Curso de Pedagogia; Mestre em Educação pela UFS; Especialização em Psicomotricidade, Educação de Surdos e Atendimento Educacional Especializado (AEE). Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência. Email: mm-teles@hotmail.com

.

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: